

A MULHER E A TRIPLA JORNADA DE TRABALHO: COMO ESTA MULHER VIVENCIA AS ATIVIDADES PROFISSIONAL, FAMILIAR E DOMÉSTICA?

Ane Deise de Menezes Tavares¹
Rochele Bezerra Barbosa²

RESUMO: Na contemporaneidade, a mulher vive uma situação que surge devido à multiplicidade de papéis que muitas delas assumiram e que, hoje, sentem que suas atribuições funcionais estão mais ostensivas do que no passado. Isso porque, a nova tarefa, ou seja, a sua participação no mercado de trabalho, não lhe tirou o “dever” da administração da casa e o cuidado com a família. Mas, como se apresenta a rotina de tripla jornada de trabalho – profissional, familiar e doméstico - vivenciada por essa mulher? Como ela lida com essa nova conjuntura que é o acúmulo de funções? Para compreender esse contexto, este artigo teórico investigou as publicações nacionais em psicologia relacionadas ao tema, os estudos encontrados correspondem a um período entre os anos de 2007 a 2013 nas bases de dados Bvs-psi, Scielo, Pepsic e Lilacs. Os dados mostram que os estudos enfatizam o trabalho exercido fora de casa e desempenho na atividade profissional, mas afirmam a dificuldade que a mulher tem para conciliar as atividades de tripla jornada, no entanto, são apenas descritivos em relação às várias atividades exercidas pela mulher.

Palavras-chave: Mulher, Tripla jornada, Trabalho, Atividades.

A WOMAN AND A TRIPLE WORKDAY: HOW THIS WOMAN EXPERIENCE AS PROFESSIONAL ACTIVITIES, FAMILY AND DOMESTIC?

ABSTRACT: In contemporary times, the woman lives a situation that arises due to the multiplicity of roles that they took themselves over and that, today, they feel their functional assignments are more ostensible than in the past. This happens because, a new task, in other word, her participation in the labor market, did not take her "obligations" the women continues taking care and the family. However, how does it stand routine triple workday - professional, family and household - experienced by this woman? how she deals to this new situation it is the accumulation of functions? Understanding this context, this theoretical article has investigated the national publications in psychology related to the theme, the studies found correspond to a period between 2007-2013 in the data bases Bvs psi, Scielo, and Lilacs Pepsic. Data show that the studies underscore the work performed outside the home and professional performance inactivity, but they claim the difficulty that the woman has to balance the triple journey of activities, however, they are only descriptive in relation to the various activities carried out the woman.

Keywords: Woman, Triple journey, Work, Activities.

Introdução

As mudanças sociais, culturais e econômicas pelas quais o mundo passou fizeram com que, nos últimos tempos, as mulheres tivessem conquistado espaço significativo no mercado de trabalho e começassem a alcançar melhores

ocupações e fatias de poder cada vez maiores no mundo todo (Simões & Hashimoto, 2012). Claro que essa conquista não se estendeu a toda classe feminina, mas permitiu, de certa forma, que a mulher exercesse outras atividades que não aquelas, às quais permanecia

¹Graduanda do 10º período do Curso de Psicologia da Faculdade Pio Décimo. E-mail: anedayse@yahoo.com.br

²Mestre em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora Adjunta do Curso de Psicologia – Faculdade Pio Décimo.

segregada há séculos: as tarefas domésticas e familiares.

Esse novo cenário da vida da mulher resultou do processo da luta pela igualdade de direitos, que tinha, justamente, a intenção de tentar desconstruir a institucionalização da “dona de casa”, ou seja, de tirar desta a obrigação única e exclusiva de cuidados com o lar e a família. O objetivo era, também, buscar a realização e satisfação profissional e pessoal, o que conferiu à mulher o ensaio de uma liberdade da submissão aos estereótipos de gênero impostos pela sociedade. Porém, esses mesmos direitos são cotidianamente desrespeitados, gerando expressões de uma mesma face, a violência, seja ela de gênero, intrafamiliar, doméstica, física, psicológica, econômica e financeira, sexual ou institucional (Pinto et al, 2011).

Assim, cabe ressaltar que, além dos estereótipos de gênero, atualmente, tem-se discutido o impacto do conflito família e trabalho no desenvolvimento das mulheres no que concerne a sua saúde e bem-estar (Prado, Fleith & Gonçalves, 2011). Já que, mesmo com a entrada dessa mulher no mercado de trabalho, continuou sendo dela o “dever” da administração e organização da casa e o cuidado com a família. Uma vez que as tradições políticas, sociais e culturais têm dificultado à mulher conciliar os encargos sociais e familiares, a falta de tempo para a família e as dificuldades em acompanhar o crescimento dos filhos são vistas pela mulher como perdas (Simões & Hashimoto, 2012). Situação que surge devido à multiplicidade de papéis que muitas delas assumiram e que, hoje, sentem que suas atribuições funcionais são extremamente mais fortes e ostensivas do que no passado.

Considerando essa condição, cumpre entender como a mulher lida com essa nova conjuntura que é a execução de várias funções e como se apresenta sua rotina de tripla jornada de trabalho, ou seja, como ela vivencia as atividades profissional, familiar e doméstica. Entendendo que essa não é uma vivência de todas as mulheres,

pode-se ter acesso a diversos modos de vida no que concerne a essa situação.

As transformações na vida da mulher na modernidade

O conjunto de transformações sociais e políticas que ocorreu na história econômica, ou seja, o aparecimento da sociedade industrial e do capitalismo, e da própria ascensão da burguesia, foi considerado fator determinante para o delineamento dos espaços público e privado (Costa, 2007). Essas mudanças, que não ficaram restritas apenas ao campo político e social, provocaram uma ruptura dos tradicionalismos, sobretudo no padrão de comportamento de homens e mulheres dentro do modelo familiar que consistia, principalmente, na divisão conservadora dos papéis dos cônjuges quanto às atividades domésticas e profissionais.

A partir dessa nova configuração social surgiram os movimentos feministas que lutavam contra o ideal de domesticidade que restringia a presença feminina nos espaços públicos e privados. Pretendia-se assim modificar as concepções tradicionais de inferioridade feminina e que negavam às mulheres muitos direitos (Gomes, 2009). Assim, em meados do século XX, percebeu-se a grande transformação na condição social da mulher ocidental, fato que favoreceu a reflexão sobre as mudanças no mundo e, conseqüentemente, na vida desta (Rodrigues & Silva, 2008). Sendo que essas transformações ocorreram *a priori*, na Europa e nos Estados Unidos, pois ali o cenário era muito propício para o surgimento de movimentos libertários, principalmente aqueles que lutavam por causas identitárias. Já no Brasil, as primeiras manifestações ainda rumo a conquistas femininas aconteceram uma década depois (Pinto, 2010).

Então, pode-se dizer que a vitória desse movimento social é inquestionável, principalmente, ao se constatar que suas conquistas tornaram-se concretas na sociedade, como, por exemplo, a mulher

frequentar universidade, escolher profissão, receber salários iguais, ainda que sobre esse último, isso não seja uma realidade. O que parecia uma utopia passou a fazer parte da rotina social (Duarte, 2003). De certo, as pretensões desses movimentos, em parte, foram atendidas, pois nesse contexto a mulher passou a ter maior visibilidade o que possibilitou a sua inserção no setor público. E, ao longo do tempo, essas conquistas têm sido cada vez mais estabelecidas e melhoradas no que concerne à vida ativa da mulher em todos os âmbitos sociais.

Essa condição foi possível porque o movimento feminista contribuiu para que a mulher se tornasse um sujeito político coletivo na tentativa de viabilizar estratégias para acabar com a sujeição. Ao mesmo tempo em que procurou ferramentas teóricas para explicar as causas originais dessa subordinação (Piscitelli, 2002). Não bastava lutar pelos direitos, era necessário compreender o contexto histórico-cultural no qual se deu essa passividade feminina que, mesmo sendo considerada como uma das particularidades essenciais da mulher "feminina" que se desenvolve nela desde a infância, não se trata de um dado biológico e sim de uma imposição dos seus educadores e da sociedade (Beauvoir, 1967). É uma condição construída culturalmente.

Historicamente, as mulheres quase sempre foram vistas por um ângulo estereotipado como figuras passivas e indefesas. Essa visão está associada, direta ou indiretamente, a vontade de direcionar a mulher à esfera da submissão, do conformismo e do silêncio (Gomes, 2009). E não foi, e ainda não é tarefa simples transformar esses valores há séculos enraizados no imaginário cultural de uma sociedade. Foi preciso essa reação dos movimentos feministas para que a mulher se impusesse a favor do seu crescimento e inserção no espaço público, principalmente no mercado de trabalho.

Para tanto, algumas mulheres se destacaram e deixaram a sua contribuição na malha da produção teórica que problematizam a emancipação da mulher sob o prisma do marxismo (Fuser, 2009). "Pois, se ficasse ainda no campo da submissão, menos exerceria sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca e menos encontraria nele recursos, e assim pouco de chance teria para firmar-se como sujeito" (Beauvoir, 1967, p. 22). No entanto, hoje, percebe-se que a mulher mudou e ela tem exigências, que há alguns anos seriam impensáveis e, a partir de uma situação concreta de prioridades, estruturou-se uma nova condição feminina. Adquiriram-se direitos antes desconhecidos. O mundo conferiu a mulher outras insígnias (Rodrigues & Silva, 2008).

Portanto, esse novo cenário que retrata a transformação dos papéis sociais da mulher provocou reformulações nas relações sociais na família, no trabalho, na política, e em outros âmbitos (Chies, 2010). Sem dúvida, essa dinâmica refletiu na mulher outras condições de vida e o desejo de ser independente, se firmar como sujeito livre da influência da cultura patriarcal e ter sua individualidade.

A mulher no mercado de trabalho

Após a Segunda Revolução Industrial e consolidação do sistema capitalista, a mulher ocidental, principalmente a europeia e norte-americana, deixou o espaço privado, ou seja, a casa, o marido e os filhos e passou a ocupar o espaço público, assumindo uma profissão (D'Alonso, 2008). Essa emancipação feminina tornou-se um evento irreversível e indiscutível. Mas, isso começou de fato com e a partir das I e II Guerras Mundiais, momentos em que as mulheres sentiram-se na obrigação de deixar a casa e os filhos para levar adiante os projetos e o trabalho que eram realizados pelos seus maridos, quando estes foram lutar nas batalhas (Probst, 2008). Nesse contexto, passar a assumir

atividades profissionais era, para a mulher, uma obrigação econômica.

No entanto, com o término da Segunda Guerra Mundial, na Europa e nos Estados Unidos e diante da necessidade dos homens voltarem ao mercado de trabalho, uma série de discursos contrários a emancipação feminina proliferou, a qual reforçava a ideia da figura da mulher como a “rainha do lar” (Costa, 2007). Essa situação contribuiu para o individualismo e promoção dos homens como provedores, provocando a desigualdade e hierarquias de gênero. Assim, devido a essa desconstrução dos trabalhos das mulheres, estabeleceu-se nos anos de 1970 e 1980 um projeto feminista mais amplo e centrado na dissolução de tais construções sociais, especialmente a dicotomia entre público (trabalho) e privado (casa) (Boris, 2014).

Nesse mesmo período, no Brasil, também foram levantadas questões sobre a invisibilidade da contribuição econômica das mulheres para a sociedade, a relação entre os papéis reprodutivos e produtivos delas e de identificação de processos de socialização que contribuíam para a formação de identidade, estereótipos sexuais e outras coisas relacionadas às questões de gênero (Bruchini & Pinto, 2001). Além disso, a participação das mulheres no mercado de trabalho e o papel das escolhas que maximizam a utilidade familiar representavam os pontos centrais da análise econômica sob a ótica feminista (Madalozzo, Martins & Shiratori, 2010). Esse cenário abriu espaço para a intensificação da participação feminina no âmbito público de produção e suscitou mudanças quanto à divisão sexual de trabalho.

Com essa nova dinâmica, a mulher saiu da segurança do lar e passou a enfrentar o mercado de trabalho na busca de novas possibilidades, novas conquistas e novos modelos de vida (Lopes, Dellazzana-Zanon & Boeckel, 2014). Dessa forma, o trabalho tornou-se um objetivo de afirmação da identidade feminina, ou seja, não era mais

somente uma questão de necessidade econômica (Rocha-Coutinho & Peicini, 2010). Ela entendeu que, ao realizar uma atividade profissional, podia ocupar o espaço de protagonista junto a sua família e de um indivíduo ativo na sociedade numa tentativa de se estabelecer com mais autonomia e valor.

A partir de então cresce no País um número cada vez maior de mulheres que trabalham fora com atuações em diferentes campos. Elas estão presentes em praticamente todas as profissões, ainda que haja discriminação com relação a determinados tipos de trabalho (considerados masculinos), principalmente no que diz respeito à diferença salarial e de contratação (Leite & Gonçalves, 2009; Santana, 2010; Amaral, 2013). Ainda assim, ocorre a expansão da ocupação feminina em profissões de nível superior de prestígio, como a Medicina, a Arquitetura, o Direito e mesmo a Engenharia (D’Alonso, 2008). Na verdade, essa diferenciação entre o que é (era) o trabalho masculino e o que é (era) a ocupação da mulher já não tem tanto destaque, mesmo que ainda sejam permanentes todas as formas de discriminação.

Importam, hoje, a condução e as formas de trabalhar que a mulher apresenta no setor público. A prova disso é que, na empresa do conhecimento, a mulher tem cada vez mais importância estratégica, pois permite, por exemplo, a constituição de equipes de trabalho marcadas pela diferença e pela heterogeneidade. É possível perceber que há um aumento de mulheres que assumem postos diretivos nas empresas (Probst, 2008). Claro que esse crescimento não ocorre apenas em áreas executivas, mas em toda esfera do mercado de trabalho, uma vez que a mulher contemporânea tem buscado continuamente o aperfeiçoamento para dar conta das novas exigências profissionais e sociais.

Portanto, ao fazer a relação dos motivos da inserção feminina no mercado de trabalho e os dias atuais, percebe-se que

a mulher está atuando mais no âmbito profissional remunerado. Porém, “o que um significativo conjunto de estudos tem demonstrado em que pese algumas mudanças, é que inúmeros aspectos da vida cotidiana parecem continuar imputados à responsabilidade feminina” (Jablosnki, 2010, p. 267). A mulher assume posições importantes e que exigem mais tempo e mais compromisso, ao mesmo tempo, em que tem que dividir essas atividades profissionais com as “obrigações” domésticas e familiares.

A tarefa feminina no âmbito doméstico e a dificuldade em conciliar esta à atividade profissional e familiar

A menina criança assumia até o século XX grande parte do trabalho doméstico por imposição da mãe que descarregava nela boa parte de suas funções. A criança era então desde cedo integrada no universo da seriedade e o objetivo da mãe era ajudar essa menina a assumir sua feminilidade (Beauvoir, 1967). Essa condição foi preservada por muito tempo e revela que a devoção e o sacrifício feminino em prol dos filhos e da família, bem como a presença constante e vigilante da mãe surgiram no discurso social como valores essenciais e inerentes à natureza feminina. Essas características e capacidades especificamente femininas foram, inclusive, demarcadas para assegurar a permanência feminina no espaço fechado do lar (Magalhães & Silva, 2010; Chies, 2010; Barbosa & Rocha-Coutinho, 2012).

E mesmo com todas as transformações e considerando as diferenças culturais e os avanços a partir do movimento feminista, parece persistir uma visão conservadora dos papéis dos cônjuges no que se refere às tarefas domésticas e à responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos (Jablonski, 2010). No entanto, a mulher compreendeu que manter-se unicamente na esfera doméstica e reprodutiva não é uma boa opção para ela, uma vez que o trabalho do

lar é mais desvalorizado socialmente, além de não ser remunerado, e está associado ao sexo feminino como uma obrigação, enquanto que, aos homens cabe a produção social geral (Nogueira, 2010).

Na verdade, a divisão sexual do trabalho é um fenômeno histórico, pois é consonante aos valores e costumes da sociedade da qual faz parte. Na sociedade capitalista, ainda nos dias de hoje, o trabalho doméstico permanece predominantemente sob a responsabilidade das mulheres, estejam elas inseridas no espaço produtivo ou não (Chies, 2010; Nogueira, 2010). E parece, para a maioria das mulheres e para a sociedade de modo geral, uma grande conquista que a mulher consiga conciliar a maternidade e a realização profissional (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2012). Assim, a responsabilidade do cumprimento das tarefas domésticas pelas mulheres que desempenham um trabalho assalariado no mundo da produção caracteriza a dupla (e às vezes tripla) jornada de trabalho - trabalham no lar e fora dele, e podem ainda cuidar da família - com todas as implicações decorrentes dela (Nogueira, 2010).

É certo que a mulher de hoje multiplicou funções, mas ainda não dividiu responsabilidades. Já que a divisão de tarefas domiciliares não ocorre de maneira igualitária entre os membros familiares, o que gera sobrecarga para as mulheres. Apesar de ocuparem, de maneira ascendente, diversas esferas sociais antes dominadas pelo sexo masculino, o contrário acerca das responsabilidades domésticas e familiares não ocorre (Gonçalves, Prado & Fleith, 2011; Almeida & Soares, 2012). O papel feminino mudou, enquanto que o papel masculino quase não foi modificado. A sociedade atual exige, e a própria mulher acaba exigindo de si mesma, que ela seja múltipla (Rocha-Coutinho, 2004).

Deste modo, a mulher, na contemporaneidade, se submete às condições estafantes do mercado de trabalho, também a realização de serviços

domésticos, tais como administrar, organizar a casa e cozinhar, além ainda do cuidado dos filhos e do companheiro. Pois, embora cumprindo atividades externas à casa, a mulher é impedida de abandonar as tarefas domésticas, e mesmo que não as faça, é ela quem deve garantir que sejam realizadas (Magalhães & Silva, 2010; Vieira & Amaral, 2013). Nesse contexto, um dos principais desafios para esta mulher está em conciliar tempo para tarefas domésticas, acadêmicas, trabalho externo e poder permanecer com os filhos, de forma a ser possível estabelecer um vínculo afetivo harmonioso e consistente (Simões & Hashimoto, 2012; Amaral, 2013). Por isso parece viver uma situação complexa, já que a maioria delas sente o desejo de experienciar a sua “condição feminina” culturalmente construída - casar, ser mãe, cuidar da casa- e, também, realizar-se profissionalmente.

Sobre isso, alguns autores mencionam que dar conta dos múltiplos papéis tem sido um desafio contemporâneo para o desempenho da mulher devido à dupla (ou tripla) jornada (Gonçalves, Prado & Fleith, 2011). E que esse papel social acaba por distorcer sua identidade individual e limitar sua atuação, mesmo quando querem ser ágeis e bem sucedidas em todos os papéis, mas com leveza e sem perder a feminilidade. No entanto, essa “conciliação” não se dá sem tensões e conflitos. A vontade de estabelecer relações verdadeiramente iguais não é suficiente para que mudanças aconteçam (Vieira & Amaral, 2013). No que diz respeito às atitudes, há um crescente interesse dos homens em participar, porém, não há uma ação propriamente dita, isso não se daria, como se houvesse uma promessa de mudança que não é cumprida, circunstância que tende a gerar frustração nas mulheres (Jablonski, 2010).

Os conflitos entre a esfera profissional e pessoal são mais frequentes, atualmente, em razão das mudanças na sociedade no que diz respeito à mudança da estrutura familiar clássica, que tornou necessário o ajuste das relações pessoais e

profissionais (Barbosa, Peixoto, Medeiros & Junior, 2010). É, pois na estruturada vida cotidiana da mulher e sua família, com suas limitações e possibilidades, que é possível compreender como o grupo familiar se movimenta e como constrói sua trajetória de vida e as estratégias necessárias à sua manutenção como ser individual e coletivo (Pinto et al, 2011).

Em uma pesquisa realizada por Lopes, Dellazzana-Zanon e Boeckel (2014) com mulheres que vivenciam a tripla jornada de trabalho, elas afirmam que têm muito pouco tempo para cuidar de sua própria saúde, o que, em muitas situações, gera problemas relacionados à sua saúde física e emocional. Pois, sentem a ausência de cuidado consigo mesma e a culpa de se sentir impotente diante da demanda no trabalho fora de casa e no cuidado com a mesma e o sentimento de abandono em relação aos filhos e companheiros e ainda frustradas em suas próprias expectativas. Outro ponto mencionado na pesquisa é que a mulher, nos dias atuais, está preocupada com as perdas e/ou prejuízos por ela sofridos em função do desempenho de tantos papéis. Mesmo porque, conciliar essa tarefa de desempenhar atividades profissionais e manter a “casa em ordem” não é nada fácil, pois necessariamente exige muita dedicação e doação.

O certo é que a múltipla jornada de trabalho resulta, geralmente, em abdicar de sua feminilidade, de cuidados com sua saúde e de sua sexualidade pelo estresse cotidiano (Pinto et al, 2011). Portanto, a dificuldade está em realizar diversas atividades e conseguir assumir uma postura de mulher independente, capaz, profissional, em contraste com o perfil de mulher destinada, principalmente, ao espaço privado de reprodução do lar, voltada para o cuidado do marido e dos filhos.

Considerações finais

A história da cultura exerce enorme influência sobre o modo de ser mulher,

mas, além do panorama cultural, a história individual é um fato importante na posição de sujeito que assumimos. Diante desse contexto, um modo de ser planejado e programado vem aparecendo com frequência nos discursos femininos (Amazonas, Vieira & Pinto, 2011). O que parece é que, na verdade, essa mulher da contemporaneidade quer ser vista como construtora da sua própria história, alguém que lutou para redefinir seu lugar social, e não mais como sombra do gênero masculino e submissa a papéis determinados.

A crescente participação da mulher nas mais diferentes esferas da sociedade conferiu a ela o exercício de diversos papéis sociais: o de mãe, de esposa, de doméstica, de funcionária, privada ou pública e de cidadã. Nesse contexto de execução de múltiplas funções houve mudanças no comportamento dessas mulheres e influências significativas no seu cotidiano, na sua vida social e na sua saúde. Talvez essa experiência da tripla jornada provoque sentimentos diversos, positivos ou negativos, tais como libertação, conquista, orgulho e poder, ou ainda, a culpa, o medo, angústia e estresse. Mas, estes nem sempre são relacionados diretamente à prática multifuncional. Tanto que, é possível observar em alguns discursos femininos problemas psíquicos e sociais, porém, muitas dessas mulheres não relacionam sua rotina como desencadeantes desse processo.

É importante ressaltar que, a incompreensão e o olhar indiferente do outro para com esta realidade funcional desgastante que muitas mulheres vivem, também contribuem para o cansaço físico e emocional uma vez que ela tem que realizar sozinha, por vezes, todas as funções e ainda assim sente-se desvalorizada e abandonada. Pois em meio a muita correria, poucas horas para muitas atividades e necessidade de se desdobrar em mil para dar conta de tudo, as mulheres não são compreendidas.

Portanto, ao somar trabalho com atividades do lar, somam também, às

consequências de seus múltiplos papéis, problemas relacionados até mesmo à sua própria saúde, além disso, há também uma interferência das desigualdades sofridas por ela, seja no âmbito profissional (remuneração) seja na esfera doméstica/familiar (divisão de trabalho). O fato é que, diante da responsabilidade das obrigações diárias, e, por conseguinte, à vulnerabilidade aos fatores estressantes, a mulher sente-se prejudicada.

Dessa forma, no âmbito social, esse artigo se faz importante uma vez que devido à enorme complexidade que o tema aborda, compreende-se que este público precisa de um direcionamento para lidar melhor com a rotina de múltiplas funções e que são necessários estudos que venham a contribuir para o entendimento desse fenômeno atual, no sentido de promover uma reflexão sobre como está estruturada sua vida, suas relações familiares e sociais, seu cotidiano e de como estes são interferidos pela tripla jornada de trabalho.

Referências

- Almeida, J. S., & Soares, M. (2012). Mudaram os tempos; Mudaram as mulheres? Memórias de professoras do ensino superior. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 17, n. 2, p. 557-580.
- Amaral, G. A. (2013). Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. *Itinerarius Reflectionis*, [S.l.], v. 8, n. 2.
- Amazonas, M. C. L. A., Vieira, L. L. F., & Pinto, V. C. (2011). Modos de subjetivação femininos, família e trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 314-327.
- Barbosa, P. Z., & Rocha-Coutinho, M. L. (2012). Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. *Psicol. Soc.*, (24) 3, 577-587.

- Barbosa, M. B., Peixoto, N. E. S., Medeiros, C. R. O., & Junior, V. M. V. (2010). Carreira, vida familiar e vida profissional das executivas: tensão e conciliação. *VII SEGeT – Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*. Resende/RJ.
- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo: II a experiência vivida* (2ª ed., pp. 21-27). São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Boris, E. (2014). Produção e reprodução, casa e trabalho. *Tempo Social*, 26(1), 101-121.
- Bruschini, C., & Pinto, C. R. J. (Orgs.). (2001). *Tempos e lugares de gênero*. São Paulo: FCC/DPE. Editora 34, 325p.
- Chies, P. V. (2010). Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, 18(2): 352
- Costa, P. A. (2007). Diferentes concepções sobre a mulher do XVIII aos dias atuais. In: *Janela das andorinhas: a experiência da feminilidade em uma comunidade rural*. Dissertação mestrado, PUC-RIO, Rio de Janeiro.
- Couto, C. P., & Pecini, A. C. (2010). A “mulher moderna” em busca de sua “essência”. *Revista Habitus: revista eletrônica dos alunos de graduação em Ciências Sociais - IFCS/UFRJ*, Rio de Janeiro, 8 (1), 50-67.
- D’Alonso, G. L. (2008). Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias. *Psicol. Am. Lat. [online]*. 15.
- Duarte, C. L. (2003). Feminismo e literatura no Brasil. *Estud. av. [online]*. 17 (49), 151-172.
- Fuser, M. C. (2009). Marxismo e Emancipação da Mulher (VII). In: *Colóquio Internacional Marx e Engels na Unicamp*, Campinas, SP.
- Gerhardt, T. E., & Silveira, D. T. (Orgs.). (2009). *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS.
- Gomes, M. N. S. (2009). Mulheres fumageiras e seus caprichos: Uma história feminina refletida a partir das concepções de gênero e poder. *ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História – Fortaleza*, pg. 1-11.
- Jablonski, B. A. (2010). Divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicol. cienc. prof. [online]*. 30(2), pp. 262-275.
- Leite, A. P. T. T., & Gonçalves, S. M. M. (2009). Flexibilização do comportamento humano diante às Demandas de mercado: um olhar especial sobre a experiência de mulheres que ocupam cargos de gestão (15). In: *Anais Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social, São Paulo: ABRAPSO*.
- Lopes, M. N., Dellazzana-Zanon, L. L., & Boeckel, M. G. (2014). A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. *Temas em Psicologia*, 22(4), 917-928.
- Madalozzo, R., Martins, S., & Shiratori, L. (2010). Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais?. *Estudos Feministas*, 18(2), 547
- Magalhães, B., & Silva, G. (2010). A mulher no trabalho, na família e na universidade. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*. 2 (2). 177-193.
- Nogueira, C. M. (2010). As relações sociais de gênero no trabalho e na reprodução. *Aurora*, 6 (6).

- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 15-23.
- Pinto, R. M. F., Micheletti, F. A. B. O., Bernardes, L. M., Fernandes, J. M. P. A., Monteiro, G. V., Silva, M. L. N. et al. (2011). Condição feminina de mulheres chefes de família em situação de vulnerabilidade social. *Serv. Soc. Soc.* [online]. 105, 167-179.
- Piscitelli, A. (2002). Re-criando a categoria mulher? In: Algranti, Leila Mezan. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. (v. 48, pp. 7-48). Campinas, SP: IFCH/UNICAMP.
- Prado, R. M., Fleith, D. S., & Gonçalves, F. C. O. (2011). Desenvolvimento do talento em uma perspectiva feminina. *Psicol. cienc. prof.* [online]. 31 (1), 134-145.
- Probst, R. E. (2008). A evolução da mulher no mercado de trabalho. *Instituto Catarinense de Pós-Graduação-ICPG. Gestão e Estratégia de Recursos Humanos*.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em Psicologia da SBP*. 12 (1). 2– 17.
- Rodrigues, B. S., & Silva, M. E. (2008). Transformações sociais – Mudanças psíquicas: uma possível relação. Estudo qualitativo sobre a condição feminina. *Revista Artemis*, 8. 84-94.
- Santana, A. M. (2010). Mulher mantenedora/homem chefe de família: Uma questão de gênero e poder. *Revista Forum Identidade*, 8(8).
- Simões, F. I. W., & Hashimoto, F. (2012). Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas*, 2 (1).
- Vieira, A., & Amaral, G. (2013). A arte de ser Beija-Flor na tripla jornada de trabalho da mulher. *Saúde E Sociedade*, 22(2), 403-414.